

O Sanatório Marítimo do Norte e a Clínica Heliantia de Valadares. Arquitectura, Património e Saúde

Nuno Ferreira*

Introdução

O ser humano desde sempre teve necessidade de se deslocar do seu habitat de origem e viajar para outros locais, por motivos diversos. Muitas destas viagens estiveram associadas ao tratamento de algumas doenças. É neste contexto que aparecem os sanatórios, estâncias de cura com programas específicos no combate a doenças contagiosas, como a tuberculose ou a sífilis. Estas doenças, entendidas como fenómenos colectivos e sociais, foram um flagelo que assolou Portugal, sobretudo entre os finais do século XIX e a primeira metade do XX, representando um perigo para a saúde pública e levando ao aumento dos esforços por parte das classes médica e política para a sua diminuição. Nestes anos de transição de séculos assistiu-se a um movimento inovador de construção de sanatórios que viria a decrescer com a 1.^a Guerra Mundial (1914-1918).

A proliferação dos sanatórios teve por objectivo dar resposta à crescente necessidade de tratamentos, através do acolhimento de um grande número de doentes em zonas balneares e montanhosas, com níveis de poluição inferiores aos registados nas grandes cidades, e onde a recuperação dos doentes, em especial com tuberculose, era favorecida pelo repouso, ar puro e uma alimentação equilibrada. Até à invenção dos antibióticos específicos, a grande inovação na cura da tuberculose foi o aparecimento da helioterapia. Esta técnica terapêutica, desenvolvida sobretudo nos sanatórios marítimos, tirava partido dos efeitos benéficos associados ao clima e, especificamente, da qualidade do ar, que levavam a um fortalecimento do organismo e sua maior resistência à infecção.

Foi neste contexto que surgiram em Vila Nova de Gaia o Sanatório Marítimo do Norte (1917) e a Clínica Heliantia (1930), vocacionados para o tratamento da tuberculose óssea, apoiado na cura pelo sol, ar do mar e dos pinhais envolventes e na disciplina médica. Estes factores fizeram com que este conjunto de edifícios se localizasse numa zona relativamente isolada, nas proximidades da praia, no meio do Pinhal de Francelos, freguesia de Valadares¹. A construção e fundação deste conjunto foram promovidas pelo médico Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves (1883-1944), sob influência do médico suíço Dr. Auguste Rollier (1874-1954) e auxílio do benemérito Manuel Pinto de Azevedo². O projecto

* Mestre em História da Arte Portuguesa; Doutorando em História da Arte Portuguesa (Faculdade de Letras da Universidade do Porto; orientação: Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha); Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

1 O local de implantação deste conjunto foi motivada pela oferta do terreno à Comissão Administrativa da Associação do Sanatório Marítimo do Norte, conforme se pode ler no requerimento, datado de 19 de Fevereiro de 1916, apresentado à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia: “A Comissão Administrativa da Associação do Sanatório Marítimo do Norte desejando mandar construir num terreno que possui na Praia de Valladares um Sanatório conforme o projecto e memoria descriptiva que junta pede a Exma. Câmara se digne mandar a respectiva licença.” Comissão Administrativa da Associação do Sanatório Marítimo do Norte, *Requerimento apresentado à Câmara Municipal de Gaia*, 19 de Fevereiro de 1916, Espólio da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves (ESJGFA).

2 Joaquim Gomes Ferreira Alves nasceu no Porto a 9 de Abril de 1883, e veio a falecer a 10 de Novembro de 1944. Era filho de Luíz Ferreira Alves e de Francisca de Jesus Gomes de Macedo. Em 1911 licenciou-se em Medicina pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto, e apresentou a Dissertação de

de ambos os edifícios é da responsabilidade do arquitecto Francisco de Oliveira Ferreira (1884-1957)³, tendo contado com a colaboração do construtor Domingues de Almeida e de Bernardo Moreira de Sá no projecto das lajes dos pavimentos do Sanatório e Domingues de Almeida na Clínica. O projecto das estruturas da Heliantia foi da responsabilidade do Engenheiro Civil José Praça (1900-1952).

Sanatório Marítimo do Norte (1917)

A edificação deste complexo foi a concretização de um projecto pessoal de Joaquim Ferreira Alves. Nas palavras do próprio: “Tudo isto se deve a um dos meus filhos, escrofulo-tuberculoso, era uma miséria fisiológica que todos os meus colegas e eu próprio reputávamos perdido. Um dia como último recurso tentei os banhos de sol. O milagre deu-se. Foi a ressurreição. Da cura do meu pequeno nasceu a ideia de cuidar em larga escala de tantos desgraçados nas mesmas condições. Daí o Sanatório todo feito a expensas de almas boas, levantado e mantido à custa de dádivas generosas de corações magnânimos”⁴.

Esta obra teve um grande impacto social, não só em Portugal como a nível internacional, tendo o lançamento da primeira pedra sido amplamente divulgada pela imprensa da época⁵. Este projecto conheceu quatro fases: um anteprojecto, o projecto de licenciamento de 1916, um projecto de ampliação (1927?) e um segundo projecto de licenciamento (1944); este segundo projecto de licenciamento destinava-se à intervenção no local das ruínas das fundações da ala sul⁶. O projecto executado e oferecido pelo arquitecto “propõe-se a reunir na máxima simplicidade, todas as condições de um edifício modelar no género. Assim, terá gabinete de raio X, aplicação eléctrica, laboratório, farmácia, salas de gymnastica, orthopedica, operações, banhos, etc [...]”, o terreno foi oferecido por Luiz Ferreira Alves e foi tesoureiro da comissão o banqueiro José Augusto Dias⁷. A obra surge sob a designação de “Casa de Caridade”, sendo formada por beneméritos com grande recursos económicos⁸. Inaugurado em Agosto de 1917, o sanatório esteve em funcionamento até 1978, ano em que foi doado ao Estado Português por Álvaro Ferreira Alves, filho do fundador. Após esta data foi cedido à

Licenciatura “A Helioterapia no tratamento da Tuberculose Cirúrgica”. Foi Director Clínico na Colónia Sanatorial Marítima da Foz do Douro.

³ Francisco de Oliveira Ferreira, filho de Henrique Gomes e Maria da Anunciação de Oliveira Ferreira, nasceu na cidade do Porto a 25 de Setembro de 1884 e faleceu a 30 de Dezembro de 1957. Formou-se em Arquitectura Civil na Academia Portuense de Belas Artes e estudou também nas Beaux Arts, em Paris. Foi discípulo do arquitecto Marques da Silva (1869-1947), José Sardinha (1845-1906), José de Brito (1855-1946) e José Teixeira Lopes (1872-1919). Foi autor de uma vastíssima obra, da qual se destacam o Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular (Lisboa, 1909), a Ourivesaria Cunha (Porto, 1914), o Café “A Brasileira” (Porto, 1915-1930), o Prédio do Club os Fenianos Portuenses (Porto, 1919), a Fábrica de Cerâmica e Fundição das Devesas (Vila Nova de Gaia, 1920), a Casa Inglesa (Porto, 1923) e o edifício da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Francisco de Oliveira Ferreira foi também o autor de uma série de habitações e outros equipamentos pertencentes a Joaquim Gomes Ferreira Alves e próximos do conjunto.

⁴ FREIRE, João Paulo – O Sanatório Marítimo do Norte, Na Praia de Valadares. Uma grande obra em realização, in *Ilustração Portuguesa* (27 de Outubro de 1919), p. 331. A mesma ideia fora também expressa numa notícia n’*O Primeiro de Janeiro* (7 de Junho de 1916).

⁵ Vários foram os médicos e outros especialistas, nacionais e internacionais, que visitaram esta instituição, tida como um modelo exemplar na cura da tuberculose óssea.

⁶ TAVARES, André – *Arquitectura Antituberculose. Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*. Porto: FAUPpublicações, 2005, p. 87.

⁷ O Commercio do Porto (10 de Junho de 1915).

⁸ *O Século* (2 de Outubro de 1922), in *Sanatório Marítimo do Norte – Praia de Valadares. Notícias publicadas na Imprensa do Porto e Lisboa*. (Espólio de ESJGFA).

Associação S. João de Deus, que estava ligada ao Presidente do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, com o objectivo de ali instalar um equipamento de apoio a enfermeiros aposentados, projecto que nunca foi posto em prática, servindo apenas de residência ao Presidente dessa Associação e respectiva família.

Este sanatório, que sucedeu à Colónia Sanatorial Marítima da Foz do Douro (1915), inspirou-se nos modelos do Sanatório de Paredes, conciliando os dois modelos na utilização da varanda/solário, em betão armado, para a helioterapia, colocada nas frentes das enfermarias do lado poente⁹. Caracterizava-se por ser um edifício soberbo, “construído sob todas as exigências científicas que semelhantes estabelecimentos exigem, e o grande sol creador entrou de exercer a sua bemfazeja influencia sobre a pobre colónia sofredora dos pequeninos doentes [...] revela ao visitante deslumbrado uma verdadeira maravilha de conforto, higiene e organização. Tudo ali é branco, como a alma ingénua da população que abriga. [...] Depois foi uma visita demorada às enfermarias ao laboratório magnífico, às cozinhas espaçosas e claras, de reluzentes metaes e azulejos de espelhante brancura, à lavandeira, à rouparia e ao balneário”¹⁰.

Clínica Heliantia (1930)

Com o projecto para o Sanatório Marítimo do Norte, Francisco de Oliveira Ferreira ingressa pela primeira vez na arquitectura destinada à saúde pública e ensaia os modelos para o projecto da Clínica Heliantia. O arquitecto e o fundador deste sanatório estudaram os principais modelos europeus para o projecto desta clínica, que se viria a implantar próximo do Sanatório. O médico Joaquim Ferreira Alves e o arquitecto deslocaram-se diversas vezes à Suíça para visitarem, em Leysin, as clínicas do Dr. Rollier. Estas clínicas destacavam-se pelas famosas e modernas técnicas no uso do tratamento pela helioterapia. O contacto frequente entre os médicos encontra-se bem documentado na correspondência que mantiveram e nas fotografias dos seus diversos encontros¹¹.

O arquitecto inicia em 1926 o projecto desta clínica e em 1930 a obra é inaugurada. A concepção da clínica, baseada nos mais modernos conceitos da helioterapia e revelando-se na época uma experiência arrojada, com grande significado e importância arquitectónica, evidencia uma nova concepção deste tipo de clínicas e terá servido de modelo de inspiração para outras. O projecto da clínica Heliantia é um paradigma da construção moderna e saudável; “estimulado por uma encomenda vocacionada para um programa hospitalar, Oliveira Ferreira concebe uma das mais precoces e surpreendentes obras modernas”¹². O seu programa técnico-formal representa o eclodir de uma das primeiras manifestações da modernidade no norte do país sobretudo com o uso do betão-armado nas estruturas.

9 TAVARES, André – *Ibidem*, p. 263.

10 *O Século* (22 de Outubro de 1917).

11 André Tavares, para a realização do trabalho “Arquitectura Antituberculose. Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça” conseguiu ter acesso a 12 cartas, todas escritas em francês, trocadas entre Abril de 1930 e Janeiro de 1935, onde a helioterapia “é protagonista, ambos manifestam prazer pela simpatia e cumplicidade que se assinala nos encontros em Leysin. Para além do vinho do Porto que todos os anos chegava a Leysin, ficou registado o grande interesse e entusiasmo pela caça, motivo que alicia Rollier a aceitar um convite para visitar Portugal [...]”. TAVARES, André – *Ibidem*, p. 67.

12 FERNANDEZ, Sérgio – IAPXX – Zona Norte, in *Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2005, p. 19.

O edifício de planta rectangular possui quatro pisos com pé direito duplo e uma cobertura plana revestida por lajes em betão. Em todo o edifício existem estruturas ritmadas por “varandas abertas e separadas por pilares redondos e estriados; pela própria diversidade volumétrica, assim como através de outros elementos, como o escalonamento dos terraços e a presença do próprio solário. Concebida em função da luz solar, as fachadas Nascente e Poente apresentam balcões sobrepostos verticalmente, enquanto os amplos degraus da fachada Sul recebem a luz solar sem qualquer interferência”¹³. Ainda na fachada exterior existem várias faixas que circundam o edifício que são ornadas com girassóis¹⁴. No interior existe uma escadaria principal e as grades do antigo elevador, onde o principal elemento decorativo é também o girassol, presente ainda nos demais recantos da clínica, tais como nos mosaicos dos pavimentos ou nalguns candeeiros de tecto. Todos os pormenores terão sido concebidos de modo a incrementar o bem-estar físico e psíquico dos doentes e de todos os habitantes da instituição. Todo o edifício foi pensado e projectado em perfeita comunhão com os elementos naturais.

Considerações Finais

No século XIX e primeiras décadas do século XX as doenças contagiosas, como a tuberculose, eram uma realidade que teve um grande impacto social. Como tal, houve a necessidade de se criarem medidas de combate a estas doenças. No campo da arquitectura e do urbanismo estas doenças despoletaram uma série equipamentos hospitalares baseados nas mais modernas técnicas e conceitos construtivos.

Em Portugal, um dos melhores e mais modernos equipamentos que reflectiu as preocupações vigentes na época foi o conjunto formado pelo Sanatório Marítimo do Norte e Clínica Heliantia. Baseado nos modelos internacionais da moderna medicina e nos melhores preceitos da “Arquitectura Antituberculose”, tirou partido dos materiais, tradicionais e modernos (por exemplo, o betão armado), da importância de questões higienísticas, da implantação urbana e do espaço envolvente. Adicionalmente, valorizou a componente humana dos tratamentos, permitindo aos doentes que as suas rotinas não fossem tão dolorosas, através da criação de instalações “mais cuidadas, mais de harmonia com a doença e com os doentes, mais expressiva nos seus requintes de bem-estar e de conforto”¹⁵.

O projecto do Sanatório foi a primeira incursão do arquitecto Francisco de Oliveira Ferreira na área da arquitectura hospitalar; já o projecto da Clínica representa uma obra de síntese onde convergem soluções inteligentes e sensíveis que até aí eram dispersas e subaproveitadas. Este legado patrimonial moderno resulta não só da vontade expressa pelo Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves mas é também, pelos factores que orientam os tratamentos, um “produto do mar”.

13 MARTINS, A.; TOSTÕES, Ana Cristina; BECKER, Annette (org.) – *Arquitectura do Século XX. Portugal*. Lisboa: Centro Cultural de Belém, 1997.

14 “Esta planta, do género *Helianthus* (do grego: *helios* sol *anthos* flor) está na origem do nome deste edifício: Heliantia.” Sanatório/Clínica Heliantia/Clínica do Dr. Ferreira Alves/Edifício Heliantia, in http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5349.

15 Relatório de um visitante do Sanatório do Norte em 1939 (Espólio ESJGFA).



Vista geral do Sanatório Marítimo do Norte (Fonte: AHCMP F-P-04-FA-10-0001-001).



Vista geral da Clínica Heliantia (Fonte: AHCMP F-P-04-FA-ALB-0002).